



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE FILOSOFIA**

**A ORIGEM DAS ACUSAÇÕES QUE CONDENARAM SÓCRATES**

**ALEXANDRE VIEIRA DONATO**

Campina Grande-PB  
2018

**ALEXANDRE VIEIRA DONATO**

**A ORIGEM DAS ACUSAÇÕES QUE CONDENARAM SÓCRATES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Me. Francisco Diniz de Andrade Meira

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D677o Donato, Alexandre Vieira.  
A origem das acusações que condenaram Sócrates  
[manuscrito] : / Alexandre Vieira Donato. - 2018.  
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Francisco Diniz de Andrade Meira,  
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia socrática. 2. Justiça. 3. Sabedoria . 4. Verdade.

21. ed. CDD 183.2

ALEXANDRE VIEIRA DONATO

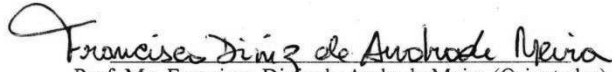
A ORIGEM DAS ACUSAÇÕES QUE CONDENARAM SÓCRATES


Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

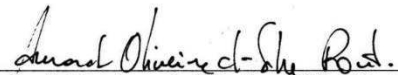
Orientador: Me. Francisco Diniz de Andrade Meira

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AGRADECIMENTOS

É com alegria que felicito as pessoas que comigo compartilharam os anos acadêmicos na universidade.

Antes de tudo quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me guiado nesta jornada e me dado forças em momentos de dificuldade. Dentre as pessoas que tenho profundo agradecimento; quero agradecer aos meus familiares e amigos que tenho convivência no meu dia-a-dia e que de alguma forma sempre me apoiaram.

Quero agradecer aos amigos que fiz no decorrer do curso de filosofia como: Aroldo, Arthur, Helder, Sanny, João Paulo, Rostand e tantos outros, os quais, compartilhamos momentos de amizade.

Quero agradecer a professora Solange Maria Norjosa Gonzaga, que logo no início do curso estimulou a mim e toda a turma no estudo da Filosofia Antiga.

Quero agradecer imensamente ao mestre e querido professor Francisco Diniz de Andrade Meira pelo acompanhamento e orientação durante todo o curso, inclusive na elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

Enfim, agradeço a Universidade Estadual da Paraíba por proporcionar um ambiente de aprendizado, com professores capacitados, os quais contribuíram para a minha formação.

*Sábio é aquele que conhece os limites  
da própria ignorância.*

*(SÓCRATES)*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2. SÓCRATES E O SEU TEMPO.....</b>	<b>11</b>
<b>3. UMA APOLOGIA AO FILÓSOFO SÓCRATES.....</b>	<b>14</b>
<b>4. AS ACUSAÇÕES CONTRA SÓCRATES.....</b>	<b>19</b>
<b>5. A DEFESA DE SÓCRATES.....</b>	<b>23</b>
<b>6. O PROCESSO E O JULGAMENTO DE SÓCRATES.....</b>	<b>26</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## A ORIGEM DAS ACUSAÇÕES QUE CONDENARAM SÓCRATES

Alexandre Vieira Donato<sup>1</sup>

### RESUMO

Atualmente vivemos em uma sociedade onde não existem valores morais e éticos e os poucos que existem, não têm nenhum valor ou são efêmeros, facilmente corrompidos pelo dinheiro ou poder, diferentemente dos valores do filósofo Sócrates, que por amor aos seus ideais, à ética, a moral e principalmente do seu compromisso pela busca da verdade, foi injustiçado, acusado de crimes, julgado e condenado. Com base nestas informações, o presente trabalho foi elaborado com o objetivo investigar e identificar a origem que motivou o surgimento das acusações que levaram o filósofo Sócrates a julgamento, e, posteriormente a sua condenação. E se dentre estas acusações é possível apontarmos qual foi o teor determinante para a sua condenação a pena capital. Todos os relatos que temos de Sócrates nos mostra o quanto importante é hoje, e o quanto foi naquela época. Sócrates ensinou, e de fato se empenhou para encarnar a crença de que a maneira como cada um de nós escolhe viver e morrer possui grande significado. Sócrates criou a filosofia da ética, se dedicou a aprender, porque acreditava que a educação, pode tornar um homem virtuoso e que este era o caminho mais seguro para a felicidade, passou todo o seu tempo dedicado à filosofia, questionando e ensinando. Contudo, Sócrates foi perseguido, fez inimizades, arrancou a raiva e o ódio de pessoas poderosas, por isso, foi acusado, julgado e condenado à morte por envenenamento através da ingestão de cicuta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Justiça. Sabedoria. Verdade.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar se é possível identificar a origem que motivou o surgimento das acusações que levaram o filósofo Sócrates a julgamento, e, posteriormente a sua condenação. E se dentre estas acusações é possível apontarmos qual foi o teor determinante para a sua condenação a pena capital.

Como o intuito de tentar responder a estes questionamentos foi feita uma trajetória histórica filosófica tendo como norte balizador na elaboração desse artigo os clássicos: a “*Apologia de Sócrates*” e “*Diálogos*” escritos por Platão<sup>2</sup>, e “*As Nuvens*” comédia escrita por Aristófanes<sup>3</sup>. Além de várias outras obras e artigos que abordam o tema em questão.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Filosofia na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

E-Mail: avdonatoma@gmail.com

<sup>2</sup> Platão, nasceu em Atenas (428-347) a.C discípulo de Sócrates, foi um dos mais importantes filósofo ocidental.

<sup>3</sup> Célebre e grande comediógrafo. Na comédia das Nuvens, ridiculariza e calunia Sócrates.



No primeiro momento faremos um breve comentário sobre o filósofo Sócrates, onde abordaremos sobre sua vida e morte e seu legado. Posteriormente uma contextualização histórica do período em que as circunstâncias ocorreram. Em seguida discorreremos sobre quais foram às acusações atribuídas ao filósofo, quais foram seus acusadores, e os acusadores que o filósofo mais temia e por fim quais foram os motivos e acusações tão significativas às quais contribuíram para a condenação e pena de morte do filósofo Sócrates.

As linhas que aqui serão escritas se propõem por meio desta investigação filosófica elaborar argumentos plausíveis que possam servir de subsídio na tentativa de responder os problemas e indagações supracitadas.

Este trabalho justifica-se pela importância de Sócrates no âmbito da filosofia e por ser considerado o fundador da filosofia moral ou axiologia<sup>4</sup>, que teve grande relevância na história da filosofia ocidental. É importante ressaltar que Sócrates representa a mais famosa trilogia da filosofia que é composta por; Sócrates, Platão e Aristóteles, juntos caracterizam a cúpula do pensamento antigo, levando uma disciplina que na época estava surgindo a patamares metafísicos e epistemológicos consideráveis.

Paul Johnson autor da obra *“Sócrates: um homem do nosso tempo”* destaca que Sócrates é um grande filósofo, um homem que merece ser estudado, é aclamado como um dos maiores pensadores de todos os tempos, apesar de não ter deixado nenhum escrito, sabemos de sua existência e suas ideias por meio das obras de seu maior discípulo, Platão e outros contemporâneos.

Sócrates é um daqueles homens que merecem ser estudados, e por 2.500 anos, sábios e empreendedores intelectuais de todos os países buscaram fazer isso. Em uma visão mais superficial, podemos dizer que essa tarefa não é difícil. Sócrates é o filósofo da quintessência, o visionário e condutor da sabedoria. (JOHNSON, 2011, p. 13).

Segundo Ricardo Santos David, autor do artigo, *“O julgamento de Sócrates: Sócrates e o conceito de justiça: A repercussão do julgamento antigamente e sua interpretação atual”* publicado na Revista de Direito, descreve Sócrates como um personagem estranho, mas de muita sabedoria, que resistia como ninguém ao sono, ao cansaço, ao frio, não precisava de nenhum luxo e quando o convidavam a algum banquete tomava uma taça de vinho após outra, mantendo-se sempre sereno, nunca tendo sido visto em estado de embriaguez. Quando Sócrates tinha em média 50 anos, seu amigo Querefonte fez uma consulta muito curiosa ao oráculo de Delfos. Ele perguntou ao Deus Apolo se havia um

---

<sup>4</sup> Estudo ou teoria de alguma espécie de valor, particularmente dos valores morais. Teoria crítica dos conceitos de valor.

homem mais sábio do que Sócrates. O oráculo respondeu que não. Não havia ninguém mais sábio do que ele.

Quando Querefonte chegou a Atenas foi correndo lhe dizer o que a pítia <sup>5</sup> havia lhe respondido; Sócrates lhe diz que o deus estava brincando, pois isso era impossível "Como serei eu o homem mais sábio de toda a Grécia?". Sócrates foi beneficiado por ter vivido numa época áurea para a Grécia, na qual grandes artistas embelezavam Atenas, os pensadores propagavam suas ideias em outras regiões da Grécia e as grandes tragédias eram encenadas. Neste rico cenário, Sócrates, que nunca escreveu nada e cuja passagem pela Terra nos é dada através de fragmentos de escritos de seus discípulos, tendo na obra de Platão, o seu mais renomado discípulo, o grande legado que foi deixado para que pudesse ser admirado como é, após mais de dois mil e quinhentos anos. As palavras do oráculo, anteriormente descritas, soaram para o filósofo como a enunciação de uma missão, a qual era ir em busca dos que se julgavam sábios e mostrar-lhes a sua ignorância. Na praça pública Sócrates questionava os seus conhecimentos até provar à própria pessoa, e a quem o assistia que a sua sabedoria era ilusória. Segundo Sócrates, as crenças humanas podem esconder desejos secretos, que usam o pensamento para geração de ideias pretensamente lógicas. Parta evitar esse engodo, Sócrates dizia que não poderia haver filosofia sem autoconhecimento. Daí surgiu uma das frases famosa do filósofo: "*Conhece-te a si mesmo*".

Contudo, todos os relatos que temos de Sócrates nos mostra o quão importante é hoje, e o quanto foi naquela época. Sócrates ensinou, e de fato se empenhou para encarnar, a crença de que a maneira como cada um de nós escolhe viver e morrer possui grande significado. Sócrates dedicou-se a filosofia da ética, devotou-se a aprender, porque acreditava que a educação, pode tornar um homem virtuoso e que este era o caminho mais seguro para a felicidade, passou todo o seu tempo dedicado à filosofia, questionando e ensinando. E o que, nos fica é a pergunta: por que Sócrates, um homem tão justo e cheio de virtudes, sofreu com tantas acusações, as quais o levaram a ser condenado? Será que foi porque este filósofo brilhante tirou a filosofia do pedestal, a qual se encontrava e a estabeleceu nas cidades e a introduziu nas casas das pessoas, e forçou esta mesma filosofia a investigar a vida comum, a ética, o bem e o mal. É este maravilhoso filósofo que iremos estudar no decorrer deste trabalho para tentarmos responder estes questionamentos que assolam a vida e a morte de Sócrates.

---

<sup>5</sup> A pítia ou pitonisa era a sacerdotisa do templo de Apolo, em Delfos, Antiga Grécia, situado nas encostas do monte Parnasso. A pítia era amplamente renomada por suas profecias, inspiradas por Apolo, que lhe davam uma importância pouco comum para uma mulher no mundo dominado pelos homens da Grécia Antiga.

## 2. SÓCRATES E O SEU TEMPO

Segundo Paul Johnson, Sócrates orgulhava-se de ter nascido ateniense. Viveu por toda a vida na cidade, sem nunca sair dali, exceto quando serviu como soldado. Era um crítico frequente dos costumes e dos líderes de Atenas, mas nunca oscilou na convicção de que era a melhor cidade Estado para se viver.

A Grécia, no século V a.C., era uma coleção de cidades Estados, das quais Atenas era a maior e, de modo geral, a mais rica e poderosa. A Grécia, como um todo, era inovadora, empreendedora e, acima de tudo, o epicentro do espírito competitivo. A maioria das cidades realizava suas próprias competições anuais, atléticas e culturais, mas ainda havia os jogos pan-helênicos, abertos a todos os falantes de grego: os Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeanos. Os mais prestigiosos eram os Olímpicos, que aconteciam a cada quatro anos em Olímpia, no noroeste do Peloponeso.

Sabemos que estes eventos, foram fundados em 776 a.C., dois séculos antes do nascimento de Sócrates, e realizados até 393 d.C., quase um milênio depois, quando o imperador romano cristão Teodósio I os aboliu por considera-los festivais pagãos. E eram, obviamente, pagãos devido às origens religiosas, como quase todas as instituições gregas.

Sócrates gostava de lembrar aos jovens rapazes que o importante em uma vitória olímpica não eram a honra e o dinheiro que os vitoriosos recebiam, mas o serviço prestado aos deuses, especialmente Zeus<sup>6</sup>, cuja gigantesca e magnífica estátua em ouro e marfim no Olimpo fora construída durante toda a sua vida pelo amigo Fídias.

Esparta foi à primeira cidade a treinar os atletas como profissionais, da mesma forma que levou a guerra com tremenda seriedade, em geral surgia com um campeão, mas, aos poucos, as outras cidades, especialmente Atenas, produziram uma competição ameaçadora. O dinheiro começou a falar mais alto. O amigo rico de Sócrates, Alcibíades, por exemplo, entrou em seis equipes de bigas para as Olimpíadas e conquistou o primeiro, o segundo e o quarto prêmios, informações estas que foram repassadas pela lista completa dos vencedores olímpicos, de 776 a.C., a 217 d.C., a qual foi criada por Júlio Africano e preservada por Eusébio o historiador da igreja.

Segundo Johnson, o espírito competitivo espalhava-se por cada aspecto da vida grega: poesia, drama, música, oratória ou retórica e artes. Na maioria das vezes, Atenas era disparado, a líder, e seus concursos anuais municipais, especialmente no drama trágico e na

---

<sup>6</sup> Zeus é uma divindade mitológica grega. É considerado o senhor dos deuses e dos homens que habitavam o monte Olimpo na Grécia antiga.

comédia, eram mais importantes do que qualquer evento pan-helênico<sup>7</sup>. Sócrates interessava-se por essas competições sendo amigo de Aristófanes, que três vezes ganhou o primeiro lugar em comédia, e de Eurípides, o mais jovem dos três autores de tragédias atenienses. Eurípides, embora fosse quinze anos mais velho que Sócrates, veio pedir-lhe conselhos, e, segundo a tradição, Sócrates o ajudara em suas peças, talvez com a trilogia que continha Hipólito, que ficou em primeiro lugar em 428 a.C.

A atmosfera competitiva em Atenas e o orgulho que os atenienses sentiam de sua cidade se intensificaram pelos acontecimentos externos nos primeiros anos do século de Sócrates. O Império Persa, o maior que o mundo já conheceu, a oeste da China, era uma constante ameaça para a Grécia, especialmente depois de encorajar as cidades jônicas, onde hoje fica a Turquia Ocidental, a se revoltarem contra os soberanos persas. A Pérsia invadiu a Grécia, mais foi expulsa por dez mil atenienses na Batalha de Maratona (490 a.C.).

De acordo com o amigo de Sócrates, o historiador Heródoto, os persas tiveram 6.400 baixas, contra 192 dos gregos, o que fez dessa uma das grandes vitórias da Antiguidade. Entre aqueles que lutaram na batalha, estavam Ésquilo, o mais velho dos três maiores autores de tragédias, e talvez o pai de Sócrates, Sofronisco, que seria um hoplita ou soldado da infantaria pesada.

Os persas invadiram novamente a Grécia em 480 a.C., com uma força enorme: trezentos mil homens e seiscentos navios. Apesar dos esforços heroicos de Leônidas e de seus trezentos espartanos, que morreram defendendo o passo de Termópilas, os persas pressionaram, Atenas foi evacuada e queimada, e os prédios sagrados na Acrópole, reduzidos a escombros. Entretanto, as forças espartanas e atenienses, juntas cercaram o exército persa na Batalha de Plateias. Atenas, por si só, sob a liderança de Xantipo (pai de Péricles, que dominou Atenas durante a maior parte da vida de Sócrates), venceu uma decisiva guerra naval e, em 479 a.C., estabeleceu-se como o poder líder entre os gregos. Em 477 a.C., Atenas fundou a Liga de Delos dos Estados Gregos, confirmando sua ascendência e preparando a fundação de um império ateniense. Em 463 a. C., o filho de Milcíades, Címon, pôs fim a qualquer ameaça da Pérsia, e o período de grandiosidade ateniense começou. Nessa época, Sócrates era um garoto de sete anos.

A cidade-Estado em que Sócrates cresceu era por constituição e espírito, uma democracia. A *polis*, ou cidade, havia muito fora identificada como “o povo armado”, a

---

<sup>7</sup> Pan-Helênico que diz respeito a todos os grupos humanos de origem grega. Pan-Helênico é o termo coletivo utilizado para designar quatro festivais separados que se realizavam periodicamente na Antiga Grécia. Esses quatro jogos eram: Deus Homenageado, Localização, Prêmio e Frequência.

aristocracia fornecendo a cavalaria e os comerciantes, e os artesãos e outros trabalhadores habilitados formando os hoplitas e possuindo as próprias armaduras e armas. A base de uma constituição democrática foi estabelecida por Clístenes na geração anterior ao nascimento de Sócrates, com a expressão “isonomia”, ou igualdade, descrevendo os direitos da cidadania. Quando Sócrates ainda era criança, mais medidas democráticas foram aprovadas sob a liderança de Efiltes, apesar de seu assassinato em 462 a.C., indicar que a política, com a conotação de luta de classes, era um negócio sério e até mesmo brutal, permanecendo assim por toda a vida de Sócrates.

A população de Atenas variava muito, dependendo da guerra, do comércio e da economia. É provável que, à época do nascimento de Sócrates, o número total de cidadãos, os que tinham total direito a voto na Eclésia, ou Assembleia, para assumir o cargo de general (*strategos*) ou de magistrado (*archon*), ou para se sentar no júri, que era pouco mais de 120 mil, elevando-se para 180 mil por volta de 430 a.C., quando Sócrates entrou na meia idade, caiu para 100 mil na época de sua morte. Além disso, havia inúmeros imigrantes, ou residentes estrangeiros, alguns dos quais possuíam os direitos de cidadão; a proporção entre eles e os nativos variava de um em seis a dois em cinco. O número de escravos, que não possuíam direitos, oscilava de trinta mil a cerca de cem mil. Porém, é improvável que a população de Atenas, durante toda a vida de Sócrates, tenha excedido 250 mil habitantes. Dessa forma, Sócrates nasceu no que podemos chamar de uma cidade de tamanho médio.

E na comédia grega “*As nuvens*” escrita por Aristófanes a qual retrata o cotidiano do povo ateniense no período do começo da Guerra do Peloponeso <sup>8</sup> (431 a. C), mostra que nesta ocasião a população se vendo ameaçada pelas tropas lacedemônias em terem a Ática tomada de assalto e invadida. Muitos proprietários de terras viram-se forçados a abandonar as suas propriedades e se refugiaram no interior das grandes muralhas, levando consigo seus familiares, escravos e pertences.

No início da Guerra do Peloponeso (431 a.C) na perspectiva da invasão da Ática pelas tropas lacedemônias, muitos proprietários deixaram suas terras, refugiando-se dentro dos Grandes Muros. Os trabalhos nos campos foram abandonados e os escravos, que deviam acordar com o canto do galo, podiam dormir sossegado. (ARISTOFANES, 1987, p. 171).

Atenas era, portanto, uma sociedade disciplinada, na verdade autodisciplinada, mas essa disciplina encontrava equilíbrio na liberdade intelectual. A sociedade era aberta e o

---

<sup>8</sup> Também conhecida como Guerra Mundial da Antiga Grécia, a Guerra do Peloponeso foi um conflito entre Atenas e Esparta. A guerra entre as cidades-estados aconteceu entre os anos de 431 e 404 a.C., e foi detalhada em relatos de dois historiadores da Grécia Antiga: Xenofonte e Tucídides.

exercício do poder, transparente, as autoridades nada escondiam, e, assim, não havia suspeita entre aqueles que livremente se submetiam a elas. Dessa forma, os atenienses serviam de modelo para os outros gregos, e, se, controlavam outras cidades, faziam-se por mérito próprio, e seus indivíduos não viam motivos para reclamar das regras mais do que os soldados que morreram para preservá-la.

Enfim, este era o ambiente vivenciado em Atenas naquele período, esta é a atmosfera na qual é tecida a trama da vida que tem como um dos seus protagonistas principal o nosso Filósofo Sócrates no qual é ridicularizado, difamado e retratado como sendo um charlatão.

### 3. UMA APOLOGIA AO FILÓSOFO SÓCRATES

Segundo a tradição, Sócrates nasceu em Atenas, possivelmente entre os anos 470 e 469 a.C., o que sabemos sobre o pensador é atribuído principalmente a Platão que escreveu 36 diálogos dentre eles a *“Apologia de Sócrates”* o qual é material de nosso estudo e pesquisa.

Segundo Ana Elias Pinheiro, autora do artigo *“O Sócrates de Xenofonte”*, ressalva que o mais antigo retrato físico de Sócrates, o que fizera Aristófanes em *“As Nuvens”*, satirizava a figura do filósofo, acentuando traços caricaturais como a palidez e os cabelos compridos, atributos que se assemelhavam àqueles que na pintura dos vasos do final do século V caracterizavam os intelectuais em geral, refletindo no seu aspecto físico os efeitos do seu ensino. Desse modo, o poeta cômico condenava os defeitos morais exagerando nos físicos, com os quais combinavam hábitos bizarros de falta de higiene ou de indumentária.

Filho do escultor de nome Sofronisco e da parteira Fenareta, Sócrates se casou com Xantipa com quem teve três filhos, mas, segundo outra tradição, certamente confusa e suspeita, de origem peripatética, Sócrates era bígamo, e teria casado com Xantipa, esposa que já foi mencionada e com Mirto, a neta de Aristides, o Justo.

Há histórias confusas de que Sócrates tivesse um casamento anterior, ou posterior, ou até mesmo como mencionado anteriormente bígamo. Se esta outra mulher deu a luz a uma criança, não foi registrado, nem mesmo nas histórias tradicionais. O que sabemos, é que na época de sua morte, a sua esposa era Xantipa, que lhe deu três filhos. Evidentemente casou-se com ela com uma idade já avançada, talvez com mais de cinquenta anos. Aos setenta anos, o filho mais velho tinha apenas dezessete ou dezoito anos, e os outros eram bem mais jovens; um deles seria bebê de colo.

Sofronisco, o pai de Sócrates, era amigo da família de Aristides, o Justo, o estadista ateniense que foi diversas vezes magistrado-chefe, general e comandante do Exército e da Marinha, mas que depois foi exilado por dois anos e reduzido à pobreza. A mãe de Sócrates, Fenarete, veio de uma boa família, era tida como uma parteira habilidosa, não uma profissional, pois naquela época não existia tal profissão. Sócrates se orgulhava da mãe e não tolerava piadas a respeito das atividades dela, como fez Aristófanes, por exemplo, em “*As Nuvens*”. Ele sempre se mostrava interessado na medicina e sua prática, levando o assunto para seus diálogos.

Dorion relata em sua obra “*Compreender Sócrates*” que Platão e Xenofonte não esboçavam um retrato lisonjeiro do físico de Sócrates: ele tem um nariz chato, olhos salientes, é beijudo e barrigudo, em suma seu físico parece tão pouco atraente que seus dois discípulos não hesitam em compará-lo a um sileno<sup>9</sup>. Sócrates era muito modesto, não buscava camuflar sua feiura sob os requintes das vestes: passeava descalço e trazia sempre, tanto no verão como no inverno, o mesmo manto. E um dos paradoxos ligados ao personagem de Sócrates é que ele, apesar de sua aparência física pouco vantajosa, era um tremendo sedutor.

A modéstia de suas vestes e o próprio fato de que não conhecia outra ocupação a que ele se dedicasse, a não ser a filosofia, concordam com os testemunhos que comprovam sua pobreza. Mesmo reconhecendo que Sócrates possuía bem poucas coisas, Xenofonte se recusa a chamá-lo de pobre, uma vez que a pobreza não consiste na modéstia dos meios de subsistência, mas sobretudo na relação deficitária do ter em relação às necessidades. (DORION, 2011, p.13).

Assim como em Dorion, também fica evidente em Johnson “a indiferença de Sócrates ao bem-estar físico como; roupas, comida, bebida, aquecimento e abrigo, tudo exceto companhia, de que ele sempre gostava e necessitava, sempre foi uma característica sua e é atestada por uma série de fontes” (JOHNSON, 2012). Parece ter sido uma determinação tomada em parte por temperamento, em parte com auto treinamento. Sócrates decidiu cedo ser professor ou, como gostava de dizer, um “examinador” dos homens, e essa seria sua ocupação, não sua profissão, pois, ele não cobrava nenhum valor por seus ensinamentos.

---

<sup>9</sup> A origem do nome Sileno é Grego. Zombador, gozador. [Entomologia] Inseto lepidóptero diurno. [Zoologia] Macaco do Ceilão (*Vetulus silenus*). [Mitologia] gr Deidade com corpo humano e orelhas, cauda e pernas de cavalo, que se distinguia dos sátiros por ser sempre velho e barbado. Sileno (em grego antigo: Σειληνός, transl. *Seilēnós*; em latim: *Silenus*) era, na mitologia grega (e posteriormente na mitologia romana), um dos seguidores de Dioniso, seu professor e companheiro fiel. Notório consumidor de vinho, era representado como estando quase sempre bêbado e tendo de ser amparado por sátiros ou carregado por um burro. Sileno era descrito como o mais velho, o mais sábio e o mais beberrão dos seguidores de Dioniso, e era descrito como tutor do jovem deus nos hinos órficos.

Sócrates, assim como seu pai teve a profissão de escultor, mas raramente nela trabalhava. Preferiu moldar ideias abstratas. Sua maior ambição era ser não somente um mestre, mas um benfeitor da humanidade. Desejava ver a justiça social estabelecida em todo o mundo. Ele exercia tal influência sobre os jovens que formavam o cortejo de seus admiradores, que eles chegaram a adotar alguns de seus hábitos: passeavam descalços, deixavam de banhar-se, etc. Sua mulher Xantipa dizia que ele era um deus para os jovens atenienses. Entretanto, não fundou escola alguma, a sua filosofia era praticada em praça pública, onde abordava os concidadãos com perguntas embaraçosas causando desconforto e contrariedade ao contradizê-los.

Não fundou nenhuma escola, mas exerceu a filosofia em praça pública, debatendo, contradizendo e provocando os concidadãos, como uma espécie de pregador laico. Em consequência do papel de consciência crítica assumido por Sócrates que se auto definia o moscardo dos atenienses pela insistência em fazer perguntas embaraçosas - foi considerado por alguns atenienses como um elemento desestabilizador. (NICOLA2005. p. 49)

Devido a esta sua forma de fazer filosofia por meio de insistentes perguntas foi, por alguns atenienses, considerado como um perturbador da ordem pública, conforme citação acima, o que, posteriormente serviu como um dos argumentos que contribuiu para as acusações imposta ao filósofo, de não acreditar nos deuses e corromper os jovens. Acusações estas denunciadas em 339 a.C. por um cidadão ateniense chamado Meleto<sup>10</sup>.

Tentarei, em seguida defender-me de Meleto esse honrado e prestante cidadão, como se proclama, e dos acusadores recentes. Novamente, já que se trata de outros acusadores tomemos também o texto de sua acusação. Reza mais ou menos assim Sócrates e réu de corromper a mocidade e de não crer nos deuses em que o povo crê e sim: em outras divindades novas. (Defesa de Sócrates. 1980. 24C)

Louis-André Dorion ressalta em sua Obra “Compreender Sócrates”, que se sabe quase nada dos principais eventos que pontuaram a vida de Sócrates entre 470 e 399 a.C., a não ser que ele participou em três campanhas militares como hoplita<sup>11</sup> e que por duas vezes deu provas de uma incrível coragem política. Em 406, enquanto exercia a presidência da assembleia, ele se opôs, arriscando sua própria vida, a uma moção<sup>12</sup> ilegal que visava julgar

<sup>10</sup> Meleto ou Melito, poeta de segunda ordem, cuja obra não chegou até nos. (N.do T)

<sup>11</sup> [Hist.] Hoplita era, na Grécia antiga, um soldado da infantaria pesada, cujo nome deriva do escudo que carregava: o hóplon(VIDE).Carregava uma longa lança, com cerca de 2,5 m.de comprimento e uma espada curta. O hoplita era o principal soldado da antiguidade.

<sup>12</sup> Ação ou consequência de mover ou mover-se; que denota movimento ou deslocamento. Propulsão que ocasiona o movimento. [Figurado] Lampejo ou inspiração (divina).Comoção emocional; abalo. Proposta ou



em bloco e não individualmente os generais que não haviam recolhido os corpos dos marinheiros que perderam a vida por ocasião da Batalha de Arginusas<sup>13</sup>; em 404 a.C., sob a tirania dos Trinta, ele enfrentou a morte recusando-se a obedecer aos tiranos que, para torná-lo cúmplice de seu delito, ordenaram-lhe que providenciasse o sequestro ilegal dos bens de Leon de Salamina.

No que se refere à formação de Sócrates, existe uma tradição tardia que atribui como seus mestres Anaxágoras<sup>14</sup> e Arquelaus<sup>15</sup>, mas é possível que esta tradição seja na verdade o eco da longa passagem “autobiográfica” do “*Fédon*”, onde Sócrates confessa que, antes de abandonar o estudo da natureza, ele havia estudado atentamente os escritos de Anaxágoras. O certo é que Platão e Xenofonte, que foram, tanto um como o outro, seus discípulos e que constituem nossas principais fontes, mostram-se bastante evasivos sobre as dívidas de Sócrates para com seus predecessores e seus contemporâneos, como se seu mestre tivesse se formado por conta própria e jamais tivesse sido discípulo de um filósofo em particular.

Figura emblemática, Sócrates é o marco que divide a história da filosofia em duas eras: a dos filósofos pré-socráticos e a dos que o sucederam. Foram os filósofos pré-socráticos que iniciaram o processo de desligamento entre a filosofia e o pensamento mítico. Esse processo assinala a passagem da cosmogonia à cosmologia.

Segundo “*Apologia de Sócrates*”, tradução de Sueli Maria de Regino, Sócrates passava muito tempo na ágora<sup>16</sup>, discutindo diferentes temas, e utilizava um método dialético para levar seus interlocutores ao conhecimento. O método socrático desenvolve-se em dois momentos: a ironia e a maiêutica. A ironia socrática consiste na formulação de perguntas, a partir de uma dúvida fictícia. Tais questões são conduzidas com a finalidade de refutar uma determinada tese e, ao final, auxiliar a exposição do que verdadeiramente se deseja expor. O objetivo dessas interpelações, que deixavam o interlocutor sem meios de apresentar respostas,

---

proposição feita numa assembleia cujo teor deve ser submetido à votação para que a mesma seja aprovada. Etimologia (origem da palavra *moção*). Do latim *motio.onis*.

<sup>13</sup> A batalha de Arginusas foi um confronto naval que teve lugar em 406 a. C., durante a Guerra do Peloponeso, a leste da ilha de Lesbos. Em batalha, uma frota ateniense comandada por oito estrategos derrotou uma frota espartana sob o comando de Calicratidas.

<sup>14</sup> Anaxágoras (500 a.C.-428 a.C.) foi um filósofo do período pré-socrático da Ásia Menor. Dedicou-se ao estudo da astronomia e da biologia procurando sintetizar e tornar lógicas as explicações do mundo.

<sup>15</sup> Arquelaus (em grego antigo: Ἀρχέλαος; século V a.C.) foi um filósofo da Grécia Antiga, discípulo de Anaxágoras e a tradição o apresenta como mestre de Sócrates. Além da filosofia da natureza, Arquelaus preocupou-se com a moral. Ele afirmou que o princípio do Movimento era a separação do quente do frio, a partir da qual ele procurou explicar a formação da Terra e a criação de animais e humanos.

<sup>16</sup> Praça principal das antigas cidades gregas, local em que se instalava o mercado e que muitas vezes servia para a realização das assembleias do povo; formando um recinto decorado com pórticos, estátuas etc., era também um centro religioso.

era o de despojar o indivíduo da ilusão de seu saber, livrando-o dos preconceitos e das falsas opiniões que o impediam de alcançar a verdade.

Em seguida, com a maiêutica, buscava-se conduzir o indivíduo a extrair de dentro de si mesmo uma nova perspectiva de conhecimento sobre o objeto da discussão. Maiêutica é um termo que em grego significa “obstetrícia”, e foi usado por Sócrates de forma comparativa, estabelecendo relações com o trabalho de sua mãe, uma parteira, por considerar que, por meio da maiêutica, novas ideias vinham à luz.

De acordo com Pinheiro, Sócrates é claramente alguém em quem Xenofonte viu um mestre, mas é também, nas palavras daquele que se entendeu seu discípulo, alguém que em circunstância alguma admitiu que transmitia ensinamentos que criticava os que o faziam e sobretudo os que, ao contrário dele, se faziam remunerar por esse ensino, num testemunho profundamente coincidente com o de Platão. Xenofonte dá-nos também a imagem de um homem politicamente descomprometido. E certo que se notam muitas vezes as suas simpatias que Xenofonte partilharia por Esparta, mas a sua atitude crítica em Atenas atinge todas as facções políticas da cidade, desde a oligárquica Tirania dos Trinta, à qual o acusavam de associação através de Crítias<sup>17</sup>, ao sistema democrático no que ele tinha por, porventura, menos justo e de mais radical.

Ainda segundo Pinheiro, este Sócrates não parece, obviamente, ser uma figura de trato fácil, o que poderá explicar muitas das inimizades que lhe foram atribuídas e que tiveram, em última instância, influência na sua morte. Curiosamente, e sendo certo que a intenção de Platão não seria menos apologética que a de Xenofonte, a verdade é que Xenofonte apresenta os traços de Sócrates mais amenizados. E Sócrates, de fato, esforça-se bastante por expor os seus opositores ao ridículo, mas esta é uma faceta que é muito mais explorada por Platão, nos diálogos aporéticos, do que por Xenofonte, embora também aconteçam alguns dos episódios de “*Memoráveis*”.

Contudo, os episódios da vida de Sócrates, os quais dispomos, ainda continuam sendo uma interpretação delicada e controversa, assim como o processo que foi acionado contra ele em 399 a.C. O ato de acusação direcionado a Sócrates foi para culpá-lo de não crer nos deuses da cidade, de introduzir novas divindades e de corromper a juventude. Os intérpretes dividem-se aqui entre aqueles que consideram esses três pontos de acusação como os verdadeiros motivos do processo contra Sócrates, e aqueles, entre os quais nos incluímos

---

<sup>17</sup> Crítias (em grego: Κριτίας; 460 a.C. — 403 a.C.) foi um filósofo nascido em Atenas, tio de Platão e um dos membros do grupo de Trinta Tiranos que governaram a cidade, dos quais era um dos mais violentos. Foi filho de Dropidas I e irmão de Dropidas II e discípulo de Sócrates, fato que não ajudava Sócrates a ter uma imagem melhor junto ao público. Foi assassinado pelos democratas.

que acham ao contrário que esses pontos de acusação encobrem os principais agravos, de natureza política, que estão à origem do processo, a verdade foi que este processo o levou a uma pena máxima, que veio a ceifar sua vida.

#### 4. AS ACUSAÇÕES CONTRA SÓCRATES

Segundo o artigo *“O julgamento de Sócrates: Sócrates e o conceito de justiça: A repercussão do julgamento antigamente e sua interpretação atual”* publicado na Revista de Direito, naquela época o direito natural era o único conhecido e era através dos ideais dele, que o filósofo acreditava que o justo natural não devia se sobrepor as normas. Com essas ideias avançadas para época Sócrates atingiu a ira dos governantes e aristocratas gregos; que desejavam a todo custo aplicar-lhe uma sanção, a qual mais tarde veio a ser conhecida como pena de morte. Sócrates dialogava diariamente na Ágora Ateniense a respeito de vários assuntos, dentre eles, conhecimentos de vida, política, ciência e justiça. A elite local ficava intrigada com esses encontros, pois este filósofo espalhava ideologias de liberdade e palavras filosóficas para muitos ouvintes. Os gregos acreditavam que as pessoas não deveriam ter um ‘estoque’ limitado de ideias na cabeça, e que pessoas como Sócrates já haviam pensado demais.

De acordo com Piaia, na Atenas da antiguidade, qualquer pessoa podia apresentar uma acusação em juízo, pois não havia promotor público. No caso de Sócrates sua acusação foi promovida por três atenienses representantes de três grupos da polis: Meleto (pelos poetas), Anito (pelos artífices) e Lícon (pelos oradores). A denúncia consistia nas seguintes acusações: corromper a juventude ateniense, desrespeitar os deuses e violar as leis.

Retomemos, desde o começo, a acusação sobre a qual se apoiam meus caluniadores. A mesma usada por Meleto ao redigir sua denúncia contra mim. Vejamos: o que dizem os meus caluniadores ao me caluniarem? É preciso tomar a acusação formal e a ler, tal como foi escrita por meus acusadores: “Sócrates se comporta criminosamente ao investigar as coisas sob a terra e as do céu; ao transformar argumentos frágeis em fortes e ensinar a outros suas práticas perniciosas”. (PLATÃO, 2009, p. 20).

Além disso;

[...] como os outros acusadores, Meleto também jurou, formalmente, algo nesses termos: “Afirmo que Sócrates é danoso, pois corrompe os jovens e não crê nos deuses venerados pela cidade, mas em outras novas divindades”. Eis a acusação. (PLATÃO, 2009, p.20).

Mas, de acordo com a “Apologia de Platão”, Sócrates sabia da origem das acusações, as quais foram feitas contra ele. As acusações teriam começando por intitularem Sócrates um grande sábio, mas, ele sempre falava que na verdade a única coisa que ele sabia, é que nada sabia, e relembra essa questão de ser sábio atribuído a seu amigo Querefonte, que indo a Delfos, ousou perguntar ao Oráculo se haveria alguém mais sábio que Sócrates, e a resposta do Oráculo foi que não, não há homem mais sábio que Sócrates.

Peço então, ó homens de Atenas, que não se ergam em tumulto se lhes parecer que falo de forma tola ou arrogante, uma vez que as palavras que direi não são minhas, mas de outro que, segundo acredito, é digno de toda a confiança. Como testemunha de minha sabedoria, apresento o deus de Delfos. Sei que todos conheceram Querefonte, meu companheiro desde a juventude, e companheiro também da maior parte de vocês, pois junto com tantos outros foi exilado e, como vocês, retornou à pátria. Todos sabem quem foi Querefonte e com que ardor lançava-se a tudo o que empreendia. Certa vez ele foi a Delfos e teve o atrevimento de perguntar ao oráculo – e agora volto a pedir, ó homens, que não se agitem com o que vou dizer -, pois ele perguntou se havia alguém mais sábio que eu. E a Pítia respondeu que não havia ninguém mais sábio que eu. Seu irmão poderá testemunhar sobre tais fatos, já que Querefonte está morto. (PLATÃO, 2009, p. 22).

Ainda segundo o artigo “*O julgamento de Sócrates: Sócrates e o conceito de justiça: A repercussão do julgamento antigamente e sua interpretação atual*”, relatos da época, mostra que o Oráculo de Delfos (portal através do qual os deuses se comunicavam com os mortais) teria mencionado que Sócrates possuía superioridade intelectual mediante os demais. E foi a partir das palavras do oráculo, que Sócrates tentou buscar significado e respostas para tais palavras, pois, Sócrates sabia que um deus é justo e não estaria mentindo. Talvez, por isso, o pensador grego acreditava que seria capaz de “fazer a verdade vir à tona” na medida em que empreendia um debate com seus interlocutores. Mesmo tendo grande fama devido sua grande capacidade argumentativa, Sócrates não era um orador de todas as horas. A grande maioria dos debates políticos engendrados na Assembleia não contava com sua participação. Dessa forma, ao questionar ou empreender debate com um indivíduo, Sócrates acabava criando uma situação bastante contraditória. Ao mesmo tempo em que desdenhava das importantes questões políticas de sua cidade, era capaz de ridicularizar alguém por meio de seu sarcasmo intelectual.

Compreendam que só digo essas coisas por uma única razão: quero mostrar de onde surgiram tais calúnias. Quando ouvi sobre as palavras do oráculo, ponderei comigo mesmo: “O que quis dizer o deus, e qual o significado oculto de suas palavras? Como bem sei que não tenho nem grande, nem pequena sabedoria, o que significa então ele declarar que sou o mais sábio? Certamente não deve estar mentindo, pois é

um deus justo”. E por muito tempo permaneci sem saber o que pensar sobre o sentido do oráculo, até que, depois de alguma relutância resolvi investigar a questão e fui até um desses que têm reputação de sábio, pensando que assim poderia esclarecer o erro cometido pelo oráculo: “Disseram que sou mais sábio, mas esse homem é mais sábio que eu”. (PLATÃO, 2009, p. 23).

Assim, Sócrates resolveu procurar um sábio da política para dialogar com ele, e teve uma grande surpresa ao ver que o homem que era considerado sábio por muitos, na verdade para ele não era. E ao passo que viu que este homem da política não era tão sábio, tentou lhe mostrar que ele não era tão sábio como acreditava ser, mas o que Sócrates conseguiu foi apenas despertar o ódio do homem e das outras pessoas que estavam presentes, mas Sócrates conseguiu perceber algo muito importante, que talvez ele realmente seja mais sábio do que aquele homem com quem estivera.

No entanto, ao examinar tal homem, do qual não posso dizer o nome, mas que é um de nossos políticos, depois de dialogar com ele, ó homens de Atenas, a mim me pareceu que embora esse homem parecesse um sábio para muitos outros e, especialmente, para si mesmo, na verdade não o era. Tentei então demonstrar que ele não era tão sábio como acreditava ser, mas com isso só consegui o seu ódio e o dos outros que ali estavam. Quando os deixei, pensei comigo mesmo: “Embora nenhum de nós dois saiba nada de belo e bom, talvez eu seja mais sábio que esse homem, pois enquanto ele acredita que sabe algo, sem o saber, eu, que nada sei, não creio nada saber. Pode ser, então, que eu seja mesmo um pouco mais sábio que ele, pois não penso saber aquilo que não sei”. (PLATÃO, 2009, p. 23).

Sócrates, não ficou conformado e resolveu procurar por outro homem que tinha fama de ser mais sábio do que o primeiro, e tudo o que tinha acontecido com o primeiro homem, sucedeu com o segundo, mesmo assim, ainda não se conformou e continuou sua busca, procurou por políticos, poetas e artífices, mais sempre tinha o mesmo resultado, que acometeu o primeiro homem de sua busca.

Depois dos políticos, procurei os poetas que escrevem tragédias, dítirambos e tudo o mais, acreditando que, entre eles, poderia comprovar minha ignorância e sua superioridade. Peguei alguns de seus poemas, que me pareciam mais bem elaborados, e lhes perguntei o que significavam, pois também desejava aprender algo com eles. E, agora, sinto-me envergonhado, ó homens, de dizer a verdade. Mas é necessário que a diga: pois aqueles que lá estavam poderiam discorrer sobre tais poemas, acredito, melhor que os poetas que os haviam composto. Pude então perceber que os poetas não compõem guiados pela sabedoria, mas por uma espécie de inclinação natural, um entusiasmo semelhante àquele que anima os profetas e os adivinhos, pois esses também, embora digam muitas coisas belas, nada compreendem do que dizem. Isso parece acontecer igualmente a outros poetas, que por causa de seu talento acreditam ter sabedoria superior à de outros homens em muitas outras coisas, embora não a tenham. E, assim, eu os deixei, pensando que os superava em sabedoria, pela mesma razão que superava os políticos. (PLATÃO, 2009, p. 24).

Além do mais;

Fui, à vista disso, procurar os artífices. Tinha consciência de que, eu mesmo, nada conhecia, mas acreditava que os conhecimentos que eles dominavam, além de numerosos, eram belos. E nisso não estava enganado. Eles conheciam coisas que eu ignorava e nelas eram muito hábeis que eu. (PLATÃO, 2009, p. 25).

Segundo Oliveira, depois da afirmação do Oráculo, Sócrates ficou intrigado com essa resposta, pois nem ele mesmo se considerava sábio, e saiu em sua busca incessante de tentar buscar alguém que fosse mais sábio que ele. Buscou a todos que consideravam sábios, poetas, políticos, artistas e tantos outros que encontrou, e, viu que pouco ou nada sabiam e chegou à conclusão que ele era considerado o mais sábio pelo Oráculo, pela razão de reconhecer que nada sabia, estava sempre tentando buscar a sabedoria, reconhecendo a sua ignorância, sendo que os outros acreditavam saber muito e pouco ou nada sabiam. Dessa forma ele se defende de seus primeiros acusadores, só que essa investigação o fez adquirir muitos inimigos, e o fato dele não cobrar nada pelos seus ensinamentos contribuíram também por tamanha rejeição de sua figura pelas pessoas que detinham o poder em sua época.

E foi por causa dessas buscas, ó homens de Atenas, que inimizades poderosas se ergueram contra mim. De seu ódio, denso e opressivo, nasceram todas essas calúnias e também a minha reputação de sábio. Acredito que todos aqueles que me ouvem pensam que eu realmente sábio nas coisas a respeito das quais afirmo serem os outros ignorantes. No entanto, ó homens, pode ser que o deus, verdadeiramente sábio, haja revelado em seu oráculo o quanto a sabedoria humana tem pouco ou nenhum valor. Talvez o oráculo não tenha se referido a Sócrates, mas usado o meu nome como um exemplo. É como se dissesse, ó homens, o mais sábio entre vocês é aquele que, como Sócrates, reconhece que sua sabedoria não tem, na verdade, nenhum valor. (PLATÃO, 2009, p. 25).

Posteriormente, Sócrates justifica sua caminhada de investigações, mesmo diante de tantas inimizades, intrigas e dificuldades, as quais têm passado, continua sua busca pela verdade, sendo assim:

E é por isso, por obediência ao deus, que ainda continuo essa, busca, investigando cidadãos e estrangeiros que suponho sábios. E quando não encontro a sabedoria esperada, lhes mostro, como servidor do deus, que não são sábios. Por causa dessa ocupação, não tenho tido tempo de atender aos deveres públicos nem às necessidades de minha família. Os serviços prestados ao deus me levaram à extrema pobreza. Entretanto, enquanto me dedico a essa atividade, muitos jovens com tempo livre, pois são filhos de famílias ricas, me acompanham por sua própria vontade e parecem sentir grande prazer em observar como examino os homens. Muitas vezes eles me imitam e tentam examinar aqueles que encontram. E acredito que encontrem muitos homens que pensam muito saber, mas que pouco ou nada sabem. Em consequência, todos os que são examinados se enfurecem com eles e também comigo, dizendo que Sócrates é um imundo e que corrompe os jovens. Mas se

alguém lhes pergunta o que ele faz ou o que ensina, não sabem o que responder. Então, para que não pareçam tolos, dizem aquelas coisas banais que geralmente se diz dos filósofos: “que ele especula sobre as coisas do céu e da terra, que não acredita nos deuses e faz argumentos frágeis parecerem fortes”. (PLATÃO, 2009, 26).

Contudo, diante de tal situação, Sócrates não abandonou sua busca, continuou, segundo ele por obediência ao deus, e, para mostrar aqueles cidadãos que eles não eram sábios como imaginavam, e por isso, pelo ódio e pela raiva, acarretados pela sua busca pela verdade, foram levantadas as falsas acusações contra Sócrates, levando-o ao Tribunal dos Heliastas, para responder a um processo, que alegava Sócrates, como uma pessoa danosa a sociedade, principalmente a juventude, e pela falta de crença nos deuses, que acabou ocasionando a sua condenação.

## 5. A DEFESA DE SÓCRATES

Segundo Xenofonte, a defesa de Sócrates diante dos juízes parece ter sido, na realidade, uma não defesa. O sistema jurídico ateniense não contemplava a figura do advogado; assim sendo, competia, quer aos promotores de uma acusação, quer aos seus arguidos, a defesa das suas motivações, embora pudessem contratar para o efeito os serviços de logógrafos profissionais que se encarregavam de organizar os processos e de compor os discursos a pronunciar no tribunal. Instruído o processo, diante dos juízes, a ambas as partes era concedido igual tempo para apresentarem as suas razões.

Segundo Oliveira, Sócrates começa a sua defesa ressaltando a maneira como seus acusadores foram persuasivos em suas falas, porém faltaram com a verdade, também cita que seus acusadores o consideram um hábil orador, sendo assim, uma imprudência, por que chamam de hábil orador alguém que esta simplesmente comprometido com a verdade e que não fará discursos enfeitados ou apelativos, e simplesmente falará com as suas próprias palavras, já que esta é a primeira vez que ele se apresenta diante de um tribunal, já com mais de setenta anos de idade.

Como já disse antes, eles não disseram palavra alguma que fosse verdadeira, mas agora, de minha parte, vocês irão ouvir apenas a verdade. Pois o meu discurso, ó homens de Atenas, diferente do deles, não será rebuscado, ornamentado por palavras e frases cuidadosamente arranjadas, mas com palavras que o acaso trouxe a minha boca. E ainda assim acredito que tudo o que disser será justo, pois nenhum de vocês espera outra coisa de mim. Além disso, não seria adequado, certamente, para um homem de minha idade, apresentar-se como um jovem que se

exercita em articular discursos. Quero então fazer um pedido, uma súplica, ó homens de Atenas. Se perceberem que uso para minha defesa as mesmas palavras que costumo usar na ágora, entre as bancas dos comerciantes, ou em qualquer dos lugares onde muitas vezes têm me ouvido falar, não se surpreendam nem se impacientem comigo, pois hoje é a primeira vez em minha vida, embora tenha mais de setenta anos, que me apresento diante de um tribunal, e realmente sou estranho à linguagem que se fala aqui. (PLATÃO, 2009, p. 17).

Ainda segundo Oliveira, Sócrates continua a sua defesa referindo ao seu passado, que segundo ele, por muitos anos é perseguido e que fizeram uma figura dele, em especial nas comédias de Aristofanes, um Sócrates que não retrata a realidade, uma pessoa arrogante e fantasiosa. Afirma que seus acusadores são de duas espécies, uns que o acusam recentemente e outros que o acusam ao longo dos anos.

Guardem na mente, portanto, que os meus acusadores, como já disse, são de duas espécies: de uma parte, os que me acusam há muito tempo; de outra, os que me acusaram mais recentemente. Creio que devo começar por me defender dos primeiros, pois esses foram os que primeiramente lançaram suas calúnias, atuando por mais tempo e com mais intensidade que os últimos. (PLATÃO, 2009, p. 19).

Sócrates dar prosseguimento em sua defesa, defendendo-se dos seus primeiros acusadores, onde ele relata a origem das acusações impostas a ele, as quais já foram apresentadas no capítulo III (*As acusações contra Sócrates*) deste trabalho. Segundo Oliveira, Sócrates decide defender-se de seus primeiros acusadores, pois estes teriam influenciado para que o levassem ao tribunal, as primeiras acusações são as de que Sócrates comete crime investigando as coisas terrenas e as celestiais, e tornando forte a razão mais débil e ensinando isso aos outros. Defendendo de seus primeiros acusadores, ele ressalta que isso não é verdadeiro.

Posteriormente, Sócrates defende-se de seus últimos acusadores, cuja ação foi movida por Meleto, Ânito e Licon, que o acusaram de corromper a juventude, de não crer nos deuses venerados pela cidade e criar novas divindades.

[...] devo agora me defender de Meleto, tido como bom homem, apegado à sua cidade e um dos últimos a me acusar. Como os outros acusadores, ele também jurou, formalmente, algo nestes termos: “Afirmo que Sócrates é danoso, pois corrompe os jovens e não crê nos deuses venerados pela cidade, mas em outras divindades”. Eis a acusação. (PLATÃO, 2009, p. 27).

Sócrates continua sua defesa examinando os pontos da acusação de Meleto, e ressalta que perigoso é Meleto, por brincar com coisas sérias ao conduzir homens levianamente à ágora e por aparentar zelo e interesse por assuntos que jamais lhe



interessaram. Sócrates afirma que diferentemente de Meleto, têm feito coisas boas por Atenas, têm ensinado não só a jovens, mais também aos idosos, e a todos que queiram ouvir seus ensinamentos para serem pessoas melhores.

É isso, exatamente, o que me ordena o deus, vocês sabem, e estou certo de que nunca houve um bem maior para esta cidade do que esse serviço que presto a ele. Minha ocupação tem sido vagar por aí, persuadindo jovens e velhos a não dar mais atenção ao corpo e às riquezas que ao aperfeiçoamento da alma, porque assim se tornarão cada vez melhores. Digo que a virtude não nasce da riqueza, todavia é da virtude que nascem as riquezas e os bens para todos os homens, tanto individual como coletivamente. (PLATÃO, 2009, p. 36).

Segundo Reis, Sócrates não exerceu seu direito de defesa em momento oportuno, comprovando então, que o filósofo aceitara sua morte antes mesmo de sua condenação. Ainda que depois o fizesse, talvez por saber que de nada mais lhe adiantaria. Sócrates preferiu a coerência, em lugar da complacência, da anuência. Não lhe teria sido mais fácil renunciar às suas ideias, que encarnavam a rebeldia e a desobediência civil e com isso livrar-se da morte? Ele preferiu morrer, suicidando seu corpo, mas, permanecendo com suas ideias. Dentre as muitas acusações que pesavam sobre ele estava a que Meleto mais se esforçava em provar: a de ateísmo; ou seja, Sócrates não acreditaria nos “deuses da polis”. Sócrates, na verdade, era obediente às Leis, mas tinha uma maior dentro de si: a consciência de que todo homem tem direito à liberdade de expressão, pois, a vida sem liberdade não vale a pena, mesmo que para isso, tenha-se que morrer.

Segundo Oliveira, apesar de Sócrates no momento de sua defesa ter feito seus acusadores caírem em contradição com seus questionamentos e ter mostrado que as suas acusações não tinham fundamento, o *Tribunal dos Heliastas*, com 280 votos a favor de sua condenação e 220 contrários, sentenciam-no a pena de morte por envenenamento de cicuta. Sócrates tem a oportunidade de propor uma pena alternativa, porém acredita que assumindo uma pena alternativa, estaria assumindo suas acusações. Argumentando que a pena deve ser algo que ele merece, e como ele passou sua vida livremente oferecendo seus serviços para a cidade, então deveria ser sustentado pelo estado pelo resto de sua vida, no Pritaneu, onde esta honraria era apenas para generais vitoriosos e vencedores de jogos olímpicos, o que o júri acabou entendendo como uma provocação e zombaria.

Então, o que um homem como eu merece receber? Uma recompensa, ó homens de Atenas, já que devo propor algo verdadeiramente de acordo com aquilo que acredito merecer. Algo que seja bom e conveniente para mim. E o que melhor convém a um homem pobre, que é seu benfeitor, e que precisa de tempo livre para aconselhá-los? Não há nada mais conveniente, ó homens de Atenas, que alimentar

tal homem no Pritaneu. Isso parece mais merecido para mim que para aquele que vence as corridas em Olímpia, com um par de cavalos ou com quatro rédeas. Enquanto esse homem faz que vocês pareçam felizes, eu faço que sejam felizes verdadeiramente. E se ele não tem qualquer necessidade de ser sustentado, eu, sem dúvida, preciso. Assim, se devo observar o costume e propor uma penalidade de acordo com aquilo que mereço, minha proposta é esta: ser alimentado no Pritaneu. (PLATÃO, 2009, p. 48).

Ainda segundo Oliveira, Sócrates argumenta que não falava isso por arrogância e que realmente essa seria a justiça que cometeriam com ele, e que até poderiam sugerir uma multa ou o exílio, mas ele não queria ficar longe da pátria nem muito menos ficar sem ensinar filosofia, pois, fazendo isso no estrangeiro seria rapidamente repellido, pois se na sua pátria foi condenado à morte, imagina o que não poderia acontecer em terras estrangeiras. E a proposta de pagamento da multa no valor de uma mina de prata feita por Sócrates, acabou irritando ainda mais o júri.

É exatamente como digo, ó homens, contudo sei que não será fácil convencê-los disso. Por outro lado, não estou habituado a pensar que mereço algo mau. Se tivesse dinheiro, poderia apresentar uma quantia que me fosse fácil pagar, e isso, certamente, não me traria nenhum dano. O fato, porém, é que não tenho nada. Se aceitarem uma quantia que me seja possível pagar, sugiro uma mina de prata. Esse é, portanto, o valor que proponho. Platão, que ali está, ó homens de Atenas, e Críton, e Cristóbulo, e Apolodoro, acenam para que eu proponha trinta minas, sob sua fiança. Pois então é esse o valor que proponho, e esses homens, dignos de crédito, serão fiadores da prata. (PLATÃO, 2009, p.50).

Portanto, Sócrates se despede do tribunal, afirmando que o júri, acaba de matar um sábio, porque para aumentar a desonra, todos o chamarão de sábio, ainda que o próprio Sócrates não queira isso, e que por ele já ser de idade poderiam ter esperado sua morte natural. Segundo Oliveira, o julgamento de Sócrates foi justo, passou por todos os tramites que a legislação ateniense permitia, porém seu resultado foi injusto, dado a sua brilhante defesa mostrando pontos contraditórios de seus acusadores e expondo que suas acusações não tinham fundamentação. Sua conduta foi a de um homem que só tentou fazer o bem pela cidade.

## 6. O PROCESSO E O JULGAMENTO DE SÓCRATES

Segundo Xenofonte, em sua obra *“Memoráveis”*, no ano de 399 a.C., o filósofo Sócrates, que na época contaria já setenta anos, é indiciado, acusado de impiedade, de não reconhecer os deuses da cidade, de introduzir novas divindades e de corrupção da juventude, por Meleto, filho de Meleto, do demo de Piteu; Ânito, filho de Antémion, do demo de

Euonímon; e Lícon, do demo de Tórico. Meleto que era poeta foi o principal acusador de Sócrates, e que interpões a ação contra Sócrates.

Ânito é tradicionalmente apontado como o verdadeiro mentor do processo, a partir de uma observação de Sócrates em sua defesa, em *“Apologia de Sócrates”* onde usa a expressão *“Ânito e de seus aliados”*, onde pode ser vista na citação seguinte, para se referir aos seus acusadores. Ânito era um cidadão importante, pertencente a uma família de ricos comerciantes de curtumes. Fora general ao serviço de Atenas, durante a guerra do Peloponeso, e enfrentara um processo por traição depois da derrota de Pilos.

Inicialmente, devo me defender das acusações mentirosas de meus primeiros acusadores. Depois, das últimas acusações dos últimos que me acusam. Isso porque, ó homens de Atenas, muitos de meus acusadores estão entre vocês, e durante muito tempo, por muitos anos talvez, ergueram contra mim palavras mentirosas. Tenho mais medo deles que de Ânito e de seus aliados, todos muito influentes, educaram, desde a infância, a maior parte de vocês, fazendo que acreditassem haver um certo Sócrates, homem sábio, que, além de se ocupar com a investigação de assuntos referentes àquilo que está nas alturas e também sob a terra, ainda procura transformar um argumento frágil em forte. (PLATÃO, 2009, p. 18).

Segundo Xenofonte, Ânito era comerciante e tinha destaque na cena política ateniense devia-se, sobretudo ao papel desempenhado na revolta democrática de 403 contra o domínio dos Trinta Tiranos, onde ganhara a simpatia popular por não ter querido ser compensado dos prejuízos económicos que sofrera durante a oligarquia. Contudo, tendo sido um dos subscritores da referida Amnistia de 403 a.C., parece pouco provável que as razões que o levaram a acusar Sócrates se prendessem com as críticas do filósofo às instituições democráticas. Ele próprio seria um moderado, o que não faria dele um defensor fervoroso da democracia popular. Já sobre Lícon, pouco se sabe. Era um retórico obscuro e o seu nome teve pouca importância e autoridade no decorrer da condenação de Sócrates. Representava a classe dos oradores e professores de retórica. Talvez Lícon pretendesse a condenação de Sócrates, devido ao seu filho ter-se deixado corromper moralmente, filosoficamente e sexualmente por Callias que era um associado de Sócrates.

Mais vale salientar que Xenofonte fez uma ressalva em *“Memoráveis”* onde também podemos constatar em *“Apologia de Sócrates”* que esses três homens tinham de fato em comum, é que pertenciam a três setores, os quais eram duramente criticados por Sócrates: os poetas, os comerciantes e os oradores.

[...] há muito que enchem seus ouvidos com pérfidas calúnias, e, entre os que me atacam, estão Meleto, Ânito e Lícon. Meleto representa os poetas, Ânito os políticos e os artífices, e Lícon os oradores. Por isso, como já disse antes, ficaria muito

supreso se conseguisse remover, em tão pouco tempo, uma calúnia tão profundamente enraizada. Eis então a verdade, ó homens de Atenas, verdade que exponho sem dela esconder nem muito, nem pouco. Não ignoro que , por minha conduta, sou odiado, mais isso não só aponta a fonte das calúnias lançadas contra mim como também esclarece suas causas. E se quisessem investigar mais atentamente, agora ou em oitro momento, perceberiam que é como digo. (PLATÃO, 2009, p. 26).

De acordo com Ribeiro, e como já foi mencionado antes, Sócrates no ano de 399 a.C., foi acusado em Atenas, mas também foi levado ao júri popular composto por mais de 500 juízes, Sócrates, filho de Sofronisco e de Fenareta, foi acusado por Meleto, Ânito e Lícon, de conspirar contra o Estado, de não acreditar nos deuses e por corromper a juventude. Sócrates vivia em Atenas, na Grécia, cerca de 500 anos antes do nascimento de Cristo. Possuía como idiossincrasia o uso constante da Maiuêtica, método este que leciona a respeito do parto das ideias, que os cidadãos carregam consigo, e que precisam ser exteriorizadas. Em outras palavras, trata-se do "processo dialético, pedagógico e socrático, em que se multiplicam as perguntas a fim de obter, por indução dos casos particulares e concretos, o conceito geral em questão". Desta forma, Sócrates apregoava que todos sem distinção alguma, inclusive escravos e servos, possuíam conhecimento. Neste ínterim, o filósofo grego, estava comprando verdadeira briga com a elite local, por confrontar com a ideia de que somente estes possuíam o único e verdadeiro conhecimento.

Ribeiro ressalta que em face desses acontecimentos, Sócrates foi levado a um júri composto de 500 pessoas, escolhidas anualmente, entre 6000 que se candidatavam. O tribunal que julgaria o "Pai da Filosofia" era denominado de "Tribunal dos Heliastas", tendo como participantes membros provenientes das 10 tribos que povoavam Atenas. Existem dúvidas pertinentes em relação ao número de ocupantes, já que em momentos eram historiografados 500, mas em outros relatos há citações de 501 membros.

Dentre os 501 atenienses que participaram do júri popular, 220 votaram a favor e 281, contra o acusado, que é considerado culpado e condenado à morte. De acordo com as leis atenienses, o réu ainda poderia sugerir uma alternativa para essa pena, mas o que Sócrates propõe acaba por aumentar o número de votos a condená-lo. O velho filósofo sugere que o alimentem à custa do erário, no Pritaneu, uma honra reservada somente a hóspedes estrangeiros, heróis beneméritos e aos vencedores dos jogos olímpicos. Dos 500 homens que compunham o júri, 360 votaram contra Sócrates, condenando-o à morte. (PLATÃO, 2009, p.11).

Segundo Piaia, o julgamento de Sócrates foi semelhante ao sistema moderno, em Atenas da antiguidade o julgamento era feito por mais de uma fase. Os juízes leigos áticos votavam duas vezes. Na primeira delas, decidiam sobre a condenação ou absolvição do réu.

Na segunda, no caso de condenação, sobre qual seria a pena. A verdade foi que Sócrates se espantou quanto ao resultado da primeira deliberação. O velho filósofo não esperava ser condenado por diferença de votos que ele considerou tão pequena.

Muitos motivos me levaram a permanecer indiferente, ó homens de Atenas, diante dos votos que me condenaram. Um deles, o fato de não ser nenhuma surpresa pra mim tal resultado. Só me surpreendi com o número de votos contra e a favor. Eu não esperava tão pequena maioria, mas uma diferença maior. Parece que se apenas trinta votos tivessem sido dados de outro modo, eu estaria livre. Bem, ao menos acho que me livre de Meleto. Não apenas me livre dele como ficou claro para todos que se Ânito não tivesse vindo até aqui para me acusar, acompanhado de Lícon, ele poderia ter sido condenado a pagar mil dracmas por não ter obtido a quinta parte dos votos. (PLATÃO, 2009, p. 47).

Ainda segundo Piaia, o que mais espanta, em verdade, não é a pequena diferença nessa primeira fase, mas o resultado da segunda deliberação, o julgamento terminou com mais votos em favor da pena de morte do que os votos que pediam a condenação, ou seja, vários jurados que pediram a absolvição do maiêutico na primeira deliberação mudaram de posição e votaram a favor da pena de morte na segunda.

Segundo Reis, especialista em direito, seguindo o princípio de individualização das penas, atualmente, dentre as circunstâncias judiciais encontraríamos muitas que favoreceriam a Sócrates a pena mínima. Na realidade, ele não deveria ter sido condenado, caso tivesse adotado outra linha defensiva. Mas, Sócrates aceitou a condenação a qual o foi imposta. Sócrates poderia ter recebido uma pena mínima, uma pena pecuniária, ou, na pior das hipóteses, uma pena de banimento. Em vez disso, Sócrates obteve a pena de morte devido à forma pela qual se relacionou com o grande júri, hostilizando, agredindo, atacando; enfim, tratando-os com apurado desdém. Quando lhe permitiram propor uma pena, chegou a dizer que isso representaria uma confissão de culpa, o que não admitia, proibindo seus amigos e discípulos de formularem qualquer tipo de transação penal.

Talvez pensem, ó homens de Atenas, que fui condenado por não saber usar as palavras e os argumentos necessários para persuadi-los e evitar minha condenação. Bem longe disso. Se fui condenado, não foi por falta de palavras ou argumentos, mas pela falta de atrevimento, cinismo e disposição para lhes dizer aquilo que desejavam ouvir: eu me lamentando, chorando e, como já disse, fazendo e dizendo muitas outras coisas indignas, semelhantes às que vocês estão acostumados a ouvir de outros. Mesmo agora, ao perceber o que se impõe ao meu destino, não seria capaz de agir de forma servil, e também não me arrependo de como conduzi minha defesa, pois prefiro morrer depois de ter me defendido da forma que o fiz a dever a vida a uma defesa covarde. (PLATÃO, 2009, p. 53).

Além disso;

Devo, portanto, partir para a morte à qual me condenaram. Quanto a vocês, a verdade irá condená-los à infâmia e à injustiça. A mim cabe aceitar minha pena, e a eles, aceitar deles. Poder ser que essas coisas tivessem mesmo de se passar assim, e acredito que elas estejam dentro de uma justa medida. Mas agora, em seguida, desejo profetizar aquilo que em breve acontecerá aos que votaram contra mim. Pois estou justamente na situação em que um homem profetiza melhor: quando está perto de morrer. Pois, eu digo, ó homens, a vocês que me condenaram: logo após a minha morte, receberão um castigo, por Zeus, muito pior do que a morte imposta a mim. (PLATÃO, 2009, p. 54).

Em virtude dos fatos mencionados, das acusações injustas as quais já foram apresentadas, e da origem das denúncias Sócrates se despede do tribunal, segundo, Oliveira, atribuindo a eles a fama de estarem assassinando um sábio, embora que ele assim não se considerasse, dirige-se aos que o condenaram, alegando que não foi por falta de argumentos que resultou em sua condenação, mas sim por falta de tempo em defender-se e pela sua recusa em adotar um discurso apelativo e emotivo, habituais de qualquer réu diante da morte, mas em nenhum momento Sócrates se arrependeu da forma que conduziu a sua defesa, e fala que o difícil não é fugir da morte, e sim da maldade, que corre mais veloz que a morte, e esta mesma maldade, por intermédio de um tribunal, o levou a uma condenação que teve como pena a morte, através da ingestão de cicuta.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados no presente trabalho que teve como objetivo investigar e identificar a origem que motivou o surgimento das acusações que levaram o filósofo Sócrates a julgamento, e posteriormente a condenação, e, se dentre estas acusações é possível apontarmos qual foi o teor determinante para a sua condenação a pena capital, foi feita uma trajetória histórica filosófica de Sócrates, para tentar responder estes questionamentos.

Em virtude ao que foi apresentado, todos os relatos que temos de Sócrates nos mostra o quão importante é hoje, e o quanto foi naquela época. Sócrates ensinou, e de fato se empenhou para encarnar, a crença de que a maneira como cada um de nós escolhe viver e morrer possui grande significado. Sócrates foi um dos criadores da filosofia da ética, se dedicou a aprender, porque acreditava que a educação pode tornar um homem virtuoso e que este era o caminho mais seguro para a felicidade, passou todo o seu tempo dedicado à filosofia, questionando e ensinando. E o que nos fica é a pergunta: porque Sócrates, um homem tão justo e cheio de virtudes, sofreu com tantas acusações, as quais o levaram a ser

condenado? Será que foi porque este filósofo brilhante tirou a filosofia do pedestal, a qual se encontrava e a estabeleceu nas cidades e a introduziu nas casas das pessoas, e forçou esta mesma filosofia a investigar a vida comum, a ética, o bem e o mal.

Sócrates é considerado por muitos o maior filósofo do período clássico da Grécia antiga. De origem pobre, sempre permaneceu na pobreza, combateu em diversas batalhas, serviu a cidade e não cobrava por seus ensinamentos. Sócrates acreditava que podia aprender com todos os seres humanos, sem distinção, dialogava com todas as minorias de sua época.

Mais na verdade, Sócrates não agradava aos poderosos de sua época. A origem das acusações que o condenaram, foi devido a sua busca pelo novo, pela verdade, a qual trazia vários questionamentos e reflexões, que geralmente resultavam em críticas, principalmente aos governantes. A democracia Ateniense inventou a liberdade, mas, também inventou o modo de produção escravagista que dominou por toda a antiguidade, e, com isso a democracia acabou caindo em contradição, ou seja, liberta de um lado e aprisiona do outro. E Sócrates também não aceitava a ideia de tratar os não gregos como bárbaros, assim como escravos por natureza. Certamente que essas críticas, trouxeram muitos inimigos e fazem parte da verdadeira razão para justificar as acusações injustas que foram impostas a Sócrates.

Diante, de tal situação, Sócrates, não se defendeu com empenho, pois, ele não queria abrir mão de seus ideais, ele preferiu a morte, pois caso quisesse poderia ter convencido o júri de sua inocência, e conseqüentemente teria conquistado a absolvição, mas, para ele, o seu indulto, significava a vitória de Atenas sobre ele e sobre a verdade, representava o fim de tudo que ele pregou durante toda uma vida. Morrer para Sócrates, não era apenas morrer, era fechar com chave de ouro, as portas de sua existência, que foi toda voltada para o ensinamento filosófico, demonstrando que a vida sem liberdade de expressão não vale a pena. Enfim, significava dizer que o homem deveria ser livre até para escolher sua morte.

Contudo, Sócrates foi perseguido, injustiçado e acusado de crimes que nunca cometeu, e isso ficou bem claro em seu julgamento, onde seus acusadores caíram em contradição por diversas vezes e não apresentaram nenhuma prova de tais acusações. Sócrates foi condenado à morte por envenenamento, através da ingestão de cicuta, não por ter cometido um crime, mas, por ter continuando sua busca pela verdade, e por não abrir mão de suas ideias e convicções, pois, Sócrates foi um homem justo e ético, agia de acordo com seus valores morais, e estes predicados para ele valia mais do que a sua própria vida.

## ABSTRACT

Today we live in a society where there are no moral and ethical values, the few that exist, have no value or are ephemeral, easily corrupted by money or power, unlike the values of the philosopher Socrates, who for the sake of his ideals, ethics, the moral and especially of his commitment to the pursuit of truth, was wronged, accused of crimes, tried and condemned. Based on this information, the present work was designed with the purpose of investigating and identifying the origin that motivated the appearance of the accusations that led the philosopher Socrates to trial, and later his conviction. And if among these accusations it is possible to indicate what was the determinant content for his sentence to capital punishment. Every account we have of Socrates shows us how important it is today, and how much it was then. Socrates taught, and indeed strove to embody the belief that the way in which each of us chooses to live and die holds great significance. Socrates created the philosophy of ethics, devoted himself to learning, because he believed that education could make a man virtuous and that this was the safest way to happiness, spent all his time devoted to philosophy, questioning and teaching. However, Socrates was persecuted, made enmities, wrenched the anger and hatred of powerful people, so he was charged, tried and sentenced to death by poisoning by hemlock ingestion.

**KEYWORDS:** Justice. Wisdom. Truth.



## REFERÊNCIAS

ARISTOFANES. **As Nuvens**. Traduções e notas de Gilda Maria Reale Starzynski, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DORION, Louis-André. **Compreender Sócrates**. Tradução: Lúcia M. Endlich Orth. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JOHNSON, Paul. **Sócrates: um homem do nosso tempo**. Tradução: Leila Kommers. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OLIVEIRA, George Marques de. **Sócrates, culpado ou inocente**. Disponível em: < <https://georgemarquesoliveira.jusbrasil.com.br/artigos/317795892/socrates-culpado-ou-inocente> >. Acesso em: 19 de maio 2018.

O julgamento de Sócrates: Sócrates e o conceito de justiça: A repercussão do julgamento antigamente e sua interpretação atual. Revista do Direito. Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 52, p. 60-70, maio/set. 2017.

NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de filosofia: das origens a idade moderna**. São Paulo: Globo 2005.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução: Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2009.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates**. Abril Cultural, coleção os pensadores, 1980.

PIAIA, Raphael L. **O julgamento de Sócrates**. Disponível em: < <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-julgamento-de-s%C3%B3crates-0> >. Acesso em 16 de maio 2018.

PINHEIRO, Ana Elias. **O Sócrates de Xenofonte**. Disponível em: < [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas60/08\\_Pinheiro.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas60/08_Pinheiro.pdf) >. Acesso em: 16 de maio 2018.

RIBEIRO, Roberto Victor Pereira. **O julgamento de Sócrates sob a luz do direito**. Disponível em: < <https://profrobertovictor.jusbrasil.com.br/artigos/121943006/o-julgamento-de-socrates-sob-a-luz-do-direito> >. Acesso: 13 maio 2018.

REIS, André Prado Marques dos. **Julgamento de Sócrates**. Disponível em: < <http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,julgamento-de-socrates,26110.html> > . Acesso em: 15 maio 2018.

XENOFONTE. **Memoráveis**. Tradução Ana Elias Pinheiro. Coimbra: Annablume, 2009.